

e também — ou ainda mais — de sua pequenez não encontra paralelo nem mesmo nos grandes compositores de ópera que o sucederam, como Wagner, Verdi e Puccini. Certamente uma das aberturas mais difíceis de executar de maneira precisa, num límpido ré maior que prepara todo o teatro para uma grande ópera ou para um grande concerto — como é o caso hoje.

Wolfgang Amadeus Mozart

***Concerto para piano n.20* (1785)**

Esta é considerada por diversos autores como uma das primeiras obras que antevêm o romantismo, por seu caráter escuro (especialmente pela incomum utilização de uma tonalidade menor) livre e subjetivo. Foi finalizada em 10 de fevereiro de 1785 e estreada no dia seguinte em Viena — o copista terminava de escrever as partes da orquestra enquanto o público já adentrava o teatro. Apesar das inerentes dificuldades de execução, Mozart certamente improvisou brilhantemente ao piano, e dias depois certo músico presente na plateia espalhava aos quatro cantos que ali se encontrava um dos maiores compositores que ele já conheceria. Este espectador era ninguém menos que o compositor mais respeitado de Viena: Joseph Haydn. Compositores como Beethoven, Brahms e Clara Schumann foram grandes apreciadores deste concerto, e chegaram mesmo a escrever as cadências que são utilizadas até hoje — visto que a original se perdeu. A obra se inicia na tonalidade de ré menor, já utilizada antes por Mozart em diversas obras, como em seu famoso *Requiem*, mas nunca antes num concerto — ele só viria a repetir a utilização de uma tonalidade menor no *Concerto n.24* em dó menor. As cordas, que reforçam a tonalidade numa síncopa